



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GUANAMBI - UNIFG  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ALINE DAIANE PASCOAL**

**EDUCAÇÃO SEXUAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUSTISTA – COMO OS PAIS ORIENTAM SEUS FILHOS QUANTO À  
SEXUALIDADE**

**Guanambi - BA  
2022**

**ALINE DAIANE PASCOAL**

**EDUCAÇÃO SEXUAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUSTISTA – COMO OS PAIS ORIENTAM SEUS FILHOS QUANTO À  
SEXUALIDADE**

Artigo científico apresentado ao curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Guanambi - UNIFG, como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. Jaldo Cambuy.

**Guanambi - BA  
2022**

# EDUCAÇÃO SEXUAL EM CRIANÇAS E COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUSTISTA – COMO OS PAIS ORIENTAM SEUS FILHOS QUANTO À SEXUALIDADE

Aline Daiane Pascoal <sup>1</sup>, Jaldo Cambuy <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Discente do curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Guanambi – UNiFG.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Guanambi – UNiFG.

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar como os pais das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) lidam com o desenvolvimento da sexualidade dos seus filhos. O estudo justifica-se dada sua importância tanto para as crianças com TEA quanto para seus familiares, uma vez que apresenta um assunto do cotidiano dessas pessoas, bem como informa as características deste transtorno. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, pois foi realizada por meio de leitura, análise e interpretação. Como critérios de inclusão, utilizaram-se artigos científicos publicadas no formato de texto completo, nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), Google Acadêmico e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), disponíveis de forma gratuita e em língua portuguesa, observando o recorte temporal de 20 anos. Ao mesmo tempo, excluíram-se os artigos incompletos, pagos, e publicados em língua estrangeira. Percebeu-se que o tema sexualidade é um assunto considerado um tabu em vários aspectos. Contudo, quando o tema é relacionado às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é ainda mais complexo, embora seja fundamental discuti-lo, sobretudo para questionar equívocos, mitos e exclusões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade Infantil; Transtorno do Espectro Autista; Saúde Mental; Autismo; Família.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar como os pais das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) lidam com o desenvolvimento da sexualidade dos seus filhos. O estudo justifica-se dada sua importância tanto para as crianças com TEA quanto para seus familiares, uma vez que apresenta um assunto do cotidiano dessas pessoas, bem como informa as características deste transtorno.

No âmbito acadêmico, esse trabalho beneficia o entendimento do TEA, bem como auxilia na compreensão de como ocorre a orientação/educação sexual para crianças e adolescentes com o Transtorno do Espectro Autista.

Em linhas gerais, Ottoni e Maia (2019) definem o Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou autismo, como um transtorno do desenvolvimento que tem, usualmente, sua manifestação na primeira infância. Possui como principais características os déficits na comunicação social e os interesses ou comportamentos restritivos e repetitivos.

Além disso, uma importante característica deste transtorno é a dificuldade de convivência social, que é intensificada pelos déficits de compreensão da linguagem do outro, incluindo expressões faciais, emoções e sinais, por isso, pessoas com TEA possuem dificuldade de expressar sentimentos e opiniões de modo assertivo em seus relacionamentos (OTTONI; MAIA, 2019).

O primeiro ambiente de socialização de uma criança é a família, bem como o contexto primário de seu cuidado. A família deve ter a potencialidade de acolher as necessidades da criança, visando o suporte e a promoção de seu potencial de desenvolvimento (BRASIL, 2014). Na família da criança com TEA, os membros se mobilizam assumindo papéis ativos diante dos sinais, do diagnóstico e do cuidado, onde sua interpretação das situações vivenciadas, bem como suas interações com a criança, norteiam as ações que realizam (MAPELLI *et al.*, 2018).

A sexualidade representa por vezes um tabu para a sociedade, e existem poucos programas que discutem esse assunto com crianças e adolescentes, além disso, os adultos tratam o aprendizado da sexualidade como algo “natural”.

Nesse cenário, as crianças e adolescentes aprendem a respeito da sexualidade observando seus pares, questionando e indo em busca de informações via internet, entretanto, isso não ocorre com pessoas com TEA, uma vez que as mesmas possuem dificuldades com interações sociais, interpretação de figuras de linguagem e sinais sutis (OTTONI; MAIA, 2019).

Ottoni e Maia (2019) afirmam que o ensino de comportamentos relativo à sexualidade seria mais efetivo se fosse estruturado. Segar (2008, p.11) corrobora que a coisa mais difícil em

ter o Espectro Autista “é que as pessoas esperam que você conheça regras e viva de acordo com elas tal como elas fazem, apesar de ninguém nunca ter dito nada a você sobre elas”.

Sendo assim, o presente trabalho trata-se de uma revisão teórica com base na área da Psicologia, com intuito de analisar como os pais das crianças com o Transtorno do Espectro Autista lidam com o desenvolvimento da sexualidade dos seus filhos.

## **2 METODOLOGIA**

A presente pesquisa buscou analisar como os pais das crianças com o Transtorno do Espectro Autista lidam com o desenvolvimento da sexualidade dos seus filhos. Para isso utilizou a abordagem do tipo exploratória e do levantamento bibliográfico. De tal forma, a pesquisa fez uma abordagem analítica do tema, utilizando como instrumento bibliografias que exploram a sexualidade infantil, mais precisamente ligada à Saúde Mental, Transtorno do Espectro Autista, para que se promova um melhor entendimento destes, a partir de uma revisão bibliográfica.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, pois foi realizada por meio de leitura, análise e interpretação (MARCONI; LAKATOS, 2011). Esse tipo de estudo possibilita que o pesquisador entre em contato direto com o que foi escrito sobre o assunto, propiciando o exame de um tema sob novo enfoque e provavelmente novas conclusões.

Como critérios de inclusão, utilizaram-se artigos científicos publicadas no formato de texto completo, nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), Google Acadêmico e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), disponíveis de forma gratuita e em língua portuguesa, observando o recorte temporal de 20 anos. Ao mesmo tempo, excluíram-se os artigos incompletos, pagos, e publicados em língua estrangeira.

Para a busca, utilizaram-se os seguintes descritores: Sexualidade Infantil, Transtorno do Espectro Autista, Saúde Mental and Autismo, Transtorno do espectro Autista and Família, combinados com o operador booleano “AND”.

Por se tratar de uma revisão de literatura, o presente estudo não foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, todavia todos os preceitos éticos estabelecidos foram respeitados, nos termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 ASPECTOS GERAIS ACERCA DA SEXUALIDADE INFANTIL

Há cem anos, Freud propôs a ideia de retirar a infância do "conceito de pureza", gerando assim uma criança dotada de afetos, desejo e conflitos. No entanto, lidar com a sexualidade infantil ainda é muito desafiador, pois é difícil para a sociedade aceitar o comportamento sexual infantil proposto por Freud. (ZONIG, 2008).

Para Freud, a sexualidade é uma força pulsional inerente à estruturação da personalidade, que se vincularia a diferentes zonas erógenas (oral, anal, fálica e genital); segundo o autor, o desenvolvimento psicosssexual leva as manifestações prazerosas em relação às zonas erógenas, tornando a curiosidade das crianças pelo próprio corpo um fator compreensível (MAIA; SPAZIANI, 2010).

De acordo com Zornig (2008), a sexualidade proposta por Freud é radicalmente diferente da concepção naturalista prevalecente no final do século XIX. Na época, a normalidade era definida pela sexualidade adulta e pelos atos sexuais realizados apenas para a procriação. Masturbação infantil, busca por prazer sexual ou incapacidade de ter relações sexuais eram consideradas como comportamentos anormais. Ao abordar a questão do sexo infantil, Freud afastou-se da tradição que aceitava apenas uma sexualidade que emerge da puberdade e que era realizada apenas para a reprodução.

O autor denomina o sexo infantil de "polimórfico-metamórfico", pois se distancia do padrão sexual genital, uma vez que a criança busca formas de prazer em qualquer região do corpo. Na infância, a sexualidade é autoerótica, sendo o corpo da criança o único meio de obter gratificação em circunstâncias normais (ZORNIG, 2008).

Em sua obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud destaca que "quando vemos um bebê saciado deixar o seio e cair para trás adormecido, com um sorriso de satisfação nas faces rosadas, não podemos deixar de dizer que esta imagem é o protótipo da expressão da satisfação sexual na existência posterior". O autor usa a amamentação como exemplo, mostrando que a necessidade biológica de serem alimentados, não parece ser o único objetivo dos bebês (ZORNIG, 2008, p.74 *apud* Freud, 1905/1976).

As manifestações da sexualidade infantil envolvem o prazer pelo contato com o corpo e favorecem a descoberta e a percepção de suas diferentes sensações (MAIA; SPAZIANI, 2010, p. 6 *apud* LAVIOLA).

Seguindo a perspectiva psicanalítica, a família é formada por laços afetivos entre pessoas com diferentes papéis e funções. (DA SILVA; DE TILIO, 2021, p. 3 *apud* FREUD,

1925/2002). A cultura e a socialização realizada pelas famílias são os fatores organizadores das experiências subjetivas dos sujeitos, inclusive a respeito da sexualidade. Mesmo que a sexualidade seja vivenciada durante a infância, é na adolescência que ela será ressignificada.

A sexualidade está ligada ao desenvolvimento, sendo um dos elementos constituintes da personalidade. Durante a adolescência, os relacionamentos, o equilíbrio emocional e a manifestação de sentimentos resultam em uma boa evolução do desenvolvimento sexual. O indivíduo localiza em algumas regiões do corpo (zonas erógenas) o interesse libidinoso, isto é, a energia que alimenta a conduta sexual. (COSTA *et al.*, 2001).

Durante os primeiros estágios do desenvolvimento sexual da criança, descobrir seu próprio corpo e explorar suas muitas possibilidades é um mundo à parte para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza por volta dos 3 ou 4 anos, é uma das descobertas mais intensas da infância, essa manipulação obedece a impulsos biológicos e psicológicos que geram satisfação e proporcionam uma apropriação sensorial do próprio corpo (MAIA; SPAZIANI, 2010, p.7 *apud* NUNES e SILVA, 2000, p.77).

Segundo Maia e Spaziani (2010), os adultos devem estar preparados para não omitir ou responder com informações inadequadas ou irrealistas quando o assunto é sexualidade infantil, pois isso pode privar a criança do reconhecimento de sua sexualidade e fazê-la entender o assunto como algo ruim ou sujo.

Laviola (2006) complementa esse entendimento e afirma que é comum o adulto, ao perceber o comportamento de uma criança como sexual, reagir informando, mentindo ou omitindo. Nunes e Silva (2000) corrobora que há dois tipos de atitudes de pais frente a esse tema, a primeira costuma ser unilateral, inibidora e mistificadora, e ocorre quando os adultos tentam “apagar incêndios” perante a curiosidade sexual infantil; já a segunda, denomina-se omissa, e ocorre quando “fingem que não veem”.

Reprender atos sexuais como a masturbação dá início à restrição da sexualidade, e para ter um bom desenvolvimento do gênero ou do papel sexual, a criança ou adolescente necessita de pessoas complementares, que tenham outros papéis, provocando deste modo a necessidade de criação de vínculos afetivos, vínculos estes que determinam suas novas experiências; nessa fase, a troca afetiva pode ou não ocorrer de forma valorizada, podendo determinar então dificuldades na formação de vínculos afetivos mais profundos (COSTA *et al.*, 2001).

Para Ribeiro (1990), a família tem papel importante no norteamo de padrões comportamentais no processo de educação sexual. Segundo Laviola (2006), em primeiro momento as crianças aprendem a sexualidade por meio de comportamentos e significados obtidos através da família, ampliando assim seu entendimento do assunto. Além disso, a

compreensão das crianças a respeito do tema sexualidade depende de fatores afetivos, emocionais e cognitivos (MAIA; SPAZIANI, 2010).

### 3.2 COMO OS PAIS DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA LIDAM COM O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DOS SEUS FILHOS

Conforme visto anteriormente, a sexualidade infantil é um tema bastante desafiador a ser discutido uma vez que representa por vezes um tabu para a sociedade, e devido a isso, os adultos tratam o aprendizado da sexualidade como algo natural que independe de orientação, e assim, as crianças e adolescente aprendem sobre a sexualidade observando seus pares, questionando e indo a busca de informações na internet. No entanto, isso não ocorre com crianças que possuem TEA (Transtorno do Espectro Autista) em virtude destas possuírem dificuldades com interações sociais (OTTONI; MAIA, 2019).

O TEA é um distúrbio global do desenvolvimento, e a pessoa que possui esse transtorno, tem as áreas da linguagem, cognição e a interação social comprometidas (DE FREITAS AREND *et al*, 2021).

Bee e Boyd (2011) relata que o fator que define o grupo de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs), ou Transtornos do Espectro Autista, é a incapacidade de construir relacionamentos sociais. Essa dificuldade social geralmente provém da fraca habilidade de comunicação e incapacidade de compreender fatores recíprocos, ou de troca nos relacionamentos.

Os sintomas característicos deste transtorno são: habilidades de linguagem limitada ou inexistente, incapacidade de envolvimento em relacionamentos sociais recíprocos e interesse limitado (BEE; BOYD, 2011). O retardo mental, distração, lentidão para respostas a estímulos externos e impulsão também são sintomas comuns.

De acordo com os autores, geralmente, pais de crianças com TEA relatam ter percebido sintomas nos filhos durante os primeiros seus meses de vida; e “o que choca esses pais é a aparente falta de interesse de seus bebês por pessoas” (BEE; BOYD, 2011, p.443).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014, p.31) dispõe que “o transtorno do espectro autista somente é diagnosticado quando os déficits característicos de comunicação social são acompanhados por comportamentos excessivamente repetitivos, interesses restritos e insistência nas mesmas coisas”. Esses déficits podem gerar prejuízos no desempenho social, pessoal e sexual.

Em decorrência desses déficits de socialização, as pessoas com autismo podem apresentar dificuldades em relação à sexualidade, em diferentes níveis dependendo das

particularidades do espectro. Os chamados autistas de "alto nível" podem apresentar dificuldades relacionadas a problemas de socialização. Por outro lado, pessoas com autismo clássico com comprometimento mais severo em habilidades sociais podem apresentar comportamento sexual inadequado. (LOPES *et al.*, 2018, p. 1176 *apud* BEDDOWS & BROOKS, 2016).

Pessoas com TEA também manifestam o desejo de se envolver em relacionamentos afetivos, sexuais ou românticos, e por isso é importante descartar a ideia de que autistas são pessoas assexuadas (LOPES *et al.*, 2018).

Nesse cenário, percebe-se que as dificuldades de socialização das pessoas com TEA requerem maior orientação para a fase do desenvolvimento da sexualidade. Entretanto, a educação sexual para pessoas com TEA ainda é negligenciada e a imaturidade percebida pelos familiares agrava ainda mais a dificuldade de lidar com o tema, gerando resistência na aceitação de que o indivíduo com TEA possua direitos relativos aos desejos e manifestações sexuais (DE FREITAS AREND *et al.*, 2021, p. 3 *apud* DE TILIO, 2017).

Mesmo que as produções acadêmicas a respeito da sexualidade em pessoas com TEA necessitem ainda de aprofundamentos, existem estudos que abordam fatores importantes sobre o tema. Alguns destes estudos indicam que grande parte das dificuldades encontradas nas pessoas com TEA a respeito da sexualidade estão relacionadas aos déficits em habilidades sociais. A dificuldade de compreensão do ponto de vista de outrem, ou de diálogo e expressão de sentimentos, aumentam ainda mais a escassez de relacionamentos afetivos e sexuais (MAIA *et al.*, 2017).

Maia *et al.* (2017) apontam que segundo relatos de pessoas com TEA que não possuem a comunicação muito comprometida, existe um sentimento de medo por parte das mesmas de serem interpretadas de modo equivocado uma vez que estas possuem dificuldades de expressão verbal e não verbal, todavia, mesmo com tantos obstáculos, existem relatos de experiências afetivas e sexuais entre pessoas com TEA.

Existe uma maior vulnerabilidade nas pessoas com TEA para sofrerem abusos sexuais em comparação à com a população sem o transtorno e isso reforça a necessidade de atenção para a temática. Além disso, os familiares sentem dificuldades quando o assunto é reconhecer a sexualidade dos filhos, lidar com as necessidades destes, esclarecer e contribuir para que os mesmos vivenciem a vida sexual (MAIA *et al.*, 2017, p. 264).

Sousa *et al.* (2006) afirma que questões culturais medeiam as relações entre pais e filhos, transformando deste modo a sexualidade em um tabu. É importante então que aconteça a

educação sexual, não apenas para crianças e adolescentes, mas também para os pais, desmistificando o assunto.

Sobre essa temática, Malerba dispõe que

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) preconiza o atendimento de crianças e adolescentes com deficiência, sem discriminação ou segregação, em suas necessidades gerais de saúde e específicas de habilitação e reabilitação. Portanto, escolas e serviços de saúde deveriam oferecer condições para a educação sexual desses indivíduos, de acordo com as necessidades específicas das pessoas com autismo (MALERBA, 2020, p.51).

Em seu documento *“Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica”*, o Ministério de Saúde (2017, p.142) estabelece que “crianças e adolescentes com autismo devam ser atendidos nos Centro de Atenção Psicossocial Infantil e Juvenil por equipe multidisciplinar, segundo as necessidades de cada caso, desenvolvendo diversas atividades terapêuticas”.

Destaca-se que a crença equivocada de que as pessoas com autismo são assexuadas dá origem à percepção de que a maioria delas tem interesse por relações sexuais. Mesmo assim, a sexualidade dessas pessoas permanece um tabu para os membros de suas famílias que acreditam que são assexuadas, ou que seus impulsos sexuais possam ser controlados e domados, tratando-os infantilmente, como dependentes (MALERBA, 2020, *apud* DE TILIO, 2017).

### 3.3 PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DOS FILHOS

A família é caracterizada como uma instituição de significativa importância para orientar os relacionamentos pessoais e sociais. Especificamente no caso de famílias com crianças e adolescentes com TEA existem dificuldades em lidar com a sexualidade. De acordo com Malerba (2020) a dinâmica de relacionamentos e afetos destas famílias é prejudicada quando um dos seus integrantes apresenta alguma necessidade especial.

A sexualidade humana é um conjunto de afetos e cuidados, envolvendo sexo, papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução. Desde o nascimento, a sexualidade começa ser desenvolvida, está vinculada ao crescimento e a forma como o sujeito se relaciona com si mesmo e com as pessoas a sua volta (NASCIMENTO; BRUNS, 2019).

Maia et al. (2017) complementa que a sexualidade – conjunto de atitudes socialmente organizadas que envolvem as excitações que proporcionam prazer aos sujeitos – desde a infância é organizada pelas famílias por intermédio de discursos, não podendo se limitar aos órgãos genitais e às relações sexuais, comportando também a linguagem, por exemplo.

Neste sentido, os pais são mobilizados e disputam o controle sobre a sexualidade das crianças e dos adolescentes (MAIA et al., 2017). A situação fica mais complexa quando o

assunto compete à sexualidade das crianças e adolescentes autistas, que muitas vezes são desacreditados da possibilidade de vivenciarem satisfatoriamente sua sexualidade. Desse modo, a falta de diálogo sobre o assunto gera potenciais riscos e vulnerabilidades psicossociais para essa população.

De acordo com Silva e De Tilio (2021), os diagnósticos de transtorno do espectro autista aumentaram consideravelmente nos últimos anos e, frequentemente, os sujeitos autistas são considerados por seus familiares como assexuados, sexualmente pouco desenvolvidos, sexualmente infantilizados ou mesmo sexualmente descontrolados.

De modo geral, o que a família, cuidadores e sociedade esperam da sexualidade de pessoas com TEA é que ela ou não se manifeste ou que ela se apresente inadequada e carente de controle. Portanto, a sexualidade desses indivíduos pode gerar vários conflitos, pois enquanto eles consideram suas vivências sexuais aceitáveis as demais pessoas (incluindo seus pais) tendem a considerá-las inadequadas (MALERBA, 2020).

No que se refere ao modo como os pais e familiares lidam com a sexualidade de crianças e adolescentes autistas, De Freitas Arend et al. (2021) afirmam que esse tema é considerado um tabu para as famílias. De acordo com a autora os pais frequentemente descrevem essa fase como sendo muito difícil e temem que, devido à falta de habilidades sociais, seus filhos possam se tornar vítimas ou autores de abusos sexuais.

Os familiares esperam que a criança e o adolescente autista seja dessexualizados ou que sua sexualidade seja ‘domesticada’, o que acaba dificultando ainda mais a capacidade de lidar com o assunto. O estudo desenvolvido por De Tilio (2017) verificou que as famílias lidam com o adolescente como uma eterna criança ou um dependente e por isso existe a dificuldade nos pais de crianças e adolescentes com TEA de perceber que esses indivíduos se desenvolvem sexual e biologicamente de forma específica, que são sujeitos com desejos, direitos e manifestações sexuais.

As mães e pais significam a vivência da sexualidade de sujeitos autistas como dificuldades decorrentes da condição biológica e diagnóstica, colaboram com a segregação desses sujeitos; as mães são delegadas aos cuidados dos filhos autistas e utilizam da posição de superproteção para afirmar sua maternidade; os irmãos mencionaram as dificuldades, mas destacaram as possibilidades dos sujeitos autistas como suficientes para construir seus próprios saberes/prazeres e experiências sobre a sua sexualidade (DE TILIO, 2017).

Corroborando o parágrafo acima, o estudo realizado por Vieira (2016) apontou que: as mães têm dificuldade de conversar e praticar a Educação Sexual de seus filhos, afirmando não terem acesso a um material nesse assunto e não terem ajuda de profissionais, como professores

e psicólogos. Os estigmas e preconceitos do diagnóstico fazem acreditar que seus filhos são prejudicados nos relacionamentos afetivos e sexuais.

Essa realidade reflete a importância de ampliar o olhar entre os familiares e profissionais acerca do TEA e a sexualidade. O aprisionamento em suas dificuldades e limitações não permite que as pessoas autistas sejam vistas como seres de desejo, de escolhas, de decisões, independentemente de suas necessidades especiais (VIEIRA, 2016).

No mesmo sentido dos resultados anteriores, a pesquisa realizada por Nascimento e Bruns (2020) revelou que os pais percebem a sexualidade de seus filhos a partir das mudanças físicas, psíquicas e emocionais da puberdade, no entanto, não sabem como orientá-los sobre as manifestações afetivas e sexuais. Notou-se que a educação sexual intrafamiliar é baseada nos cuidados com o corpo, orientando como os filhos devem reagir diante de acontecimentos biológicos, como, por exemplo, a primeira menstruação, os pelos pubianos, a mudança na voz e todas outras características que ocorrem na puberdade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme visto ao longo do texto, é uma condição que implica mudanças variadas na vida do sujeito e de toda sua família. Apesar da amplitude de características em cada pessoa incluída no espectro, têm-se dificuldades comuns em torno da comunicação, interação social e repetição/restrrição de comportamentos, interesses e atividades e essas dificuldades, somadas à falta de preparo por parte dos familiares, dificulta o modo de lidar com a sexualidade desses indivíduos.

**Coloca aqui que em função de todas as características e sintomatologia do autista, por vezes a sexualidade dele pode ser desconsiderada ou até desacreditada**

Percebeu-se também que o tema sexualidade é um assunto considerado um tabu em vários aspectos. Contudo, quando o tema é relacionado às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é ainda mais complexo, embora seja fundamental discuti-lo, sobretudo para evitar equívocos, mitos e exclusões por parte dos pais.

Além disso, verificou-se que há uma urgente necessidade de outras pesquisas sobre o tema visando esclarecer as dificuldades em torno da dinâmica familiar de cuidados e atenção de pessoas acometidas por TEA. Isso poderia auxiliar a diminuir o desconforto e problemas relacionados à sexualidade dos mesmos.

É importante que o tema seja discutido considerando a efetiva possibilidade de manifestação e vivência da sexualidade por partes das crianças e adolescentes com TEA,

contribuindo, assim, para a melhora da sua qualidade de vida. Ressalta-se a necessidade de um acompanhamento para os familiares e cuidadores para que sejam capacitados e oportunizem o desenvolvimento integral daqueles que requerem atenção e demandas diferenciadas.

Essa capacitação poderá ser realizada mediante políticas e programas educacionais e de saúde sobre sexualidade tanto para os familiares e cuidadores como para crianças e adolescentes com TEA de acordo com suas capacidades e necessidades. Somente assim será possível garantir os direitos e desejos sexuais desses indivíduos.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em crescimento**. Artmed Editora, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zxYG5PMxypVZf4YJSfjgyYg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02 de mai. 2022.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2021, v. 26, n. 02. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>. Acesso em 17 de maio. 2022.

COSTA, Maria Conceição O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-315117>. Acesso em 17 de maio. 2022.

DE FREITAS AREND, Marcia Helena Rodrigues et al. A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, 2021.

DE TILIO, Rafael. Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Trastorno del Espectro Autista y la sexualidad: una presentación de caso en la perspectiva del cuidador*. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo, v. 7, n. 1, p. 36-58, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-70262017000100036&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262017000100036&lng=es&nrm=iso). Acesso em 10 de maio. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LAVIOLA, Elaine Cardia. Reações de educadoras de creche diante de manifestações de sexualidade infantil. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. Florianópolis, Editora mulheres, 2006.

LOPES, Samuel Verter Marinho Uchôa et al. Transtorno do Espectro Austista e Sexualidade. *Atas - Investigação Qualitativa em Saúde*, v. 2, 2018. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1893>. Acesso em 17 de maio. 2022.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Sexualidade, educação em sexualidade e transtorno do espectro autista: concepções de educadores. 2017. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/52245>. Acesso em 10 de maio. 2022.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da Sexualidade Infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 68 - 84, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2017>. Acesso em: 17 maio. 2022.

MALERBA, Victor de Barros. Sexualidade no Transtorno do Espectro Autista: perspectivas do adolescente, de sua mãe e de seu pai. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-08022021-192641/pt-br.php>. Acesso em 10 de maio. 2022.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014

MAPELLI, Lina Domenica et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, 2018, v. 22, n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zxYG5PMyxvVZf4YJSfjgyYg/?lang=pt#>. Acesso em 16 de maio. 2022.

NASCIMENTO, Thais Rodrigues de Carvalho; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A Família e a Sexualidade de Filhos/as Autistas: : O Que a Literatura Científica Nacional Oferece? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2020. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/70](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/70). Acesso em: 16 maio. 2022.

NUNES, César; SILVA, Edna. A Educação Sexual da Criança. (Coleção Polêmicas do nosso tempo). Campinas, SP: Ed Autores Associados, 2000.

OTTONI, Ana Carla Vieira; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1265–1283, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>. Acesso em: 17 maio. 2022.

SILVA, Graziela Mezin da; DE TILIO, Rafael. DISCURSOS DE FAMILIARES ACERCA DA SEXUALIDADE DE SUJEITOS AUTISTAS. **Revista Subjetividades**, v. 21, n 2, e11018, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e11018/pdf>. Acesso em 16 de maio. 2022.

VIEIRA, Ana Carla. **Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista : relatos de familiares** / Ana Carla Vieira, 2016 164 f. Orientador: Ana Cláudia Bortolozzi Maia Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em estudo**, v. 13, p. 73-77, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3YtZhqQJh3VNd4BR3gyxznk/abstract/?lang=pt>. Acesso em 14 de maio. 2022.